

Educação a Distância na – e para – a Educação Musical: múltiplos olhares e contextos em um componente curricular

Comunicação

Renan Moretti Bertho
Universidade Federal do Piauí
renanbertho@gmail.com

Alana Oliveira Magalhães
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
alanamagalhaes@aluno.ufrb.edu.br

Eliene dos Santos Bergens
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
elybergens@gmail.com

Mateus Nascimento Barbosa
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
mateussnbarbosa@gmail.com

Resumo: Este trabalho relata a estrutura e as experiências vivenciadas ao longo de um componente curricular do curso de Licenciatura Plena em Música Popular Brasileira, modalidade ensino a distância na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Em diálogo com a propositória de Lucy Green (2000), o conteúdo desta disciplina foi organizado de acordo com contextos formais, informais e não formais de educação musical, de modo a explorar diferentes possibilidades do ensino remoto de música. Deste modo, por meio de diálogos com autores da área, bem como do conteúdo apresentado pelos discentes em atividades avaliativas, buscamos refletir sobre as potencialidades da Educação a Distância na – e para – a Educação Musical. Concluímos apontando para a presença de múltiplos olhares e contextos ao longo da disciplina, algo que está em coerência e concordância com os objetivos do curso e da instituição.

Palavras-chave: Educação a Distância; formação de professores; aprendizagem informal.

Introdução

Desde 2013 a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) está credenciada para o ensino a distância e, por meio da sua Superintendência de Educação Aberta e a Distância (SEAD), busca atuar como referência de qualidade na articulação e oferta de cursos a distância¹. Neste contexto, o curso de Licenciatura Plena em Música Popular Brasileira, modalidade a distância, passou a ser ofertado em 2021, vinculado ao Centro de Cultura,

¹ Mais informações, ver <https://www2.ufrb.edu.br/ead/institucional> (último acesso, 15/07/2023).

Linguagens e Tecnologias Aplicadas (CECULT) da UFRB. De acordo com o seu Projeto Pedagógico, o curso “tem como propósito a formação de cidadãos críticos, profissionais reflexivos e capazes de atuar nas áreas da cultura, das artes e da educação, com habilidades para lidar com as novas tecnologias e educação à distância” (MENDES, 2018, p.20)². Destaca-se ainda a preocupação em formar profissionais para atuar nos mais diversos ambientes educacionais como a escola básica, escolas especializadas, escolas particulares, ONG’s, projetos de ação social, entre outros (*ibid*). Atualmente, o curso está sob coordenação do Prof. Jorge Luiz Ribeiro de Vasconcelos e é ofertado em dez polos de apoio presenciais credenciados ao Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB), a saber: Capim Grosso, Guanambi, Ilhéus, Ipiaú, Juazeiro, Seabra, Simões Filho, Teixeira de Freitas, Valença e Vitória da Conquista. Os discentes da referida licenciatura são oriundos de diferentes cidades do interior da Bahia e de outros estados brasileiros. Alguns possuem larga experiência como músicos e/ou educadores musicais, outros são iniciantes no campo da música, mas possuem vasto conhecimento em outras áreas; há ainda discentes que já possuem formação acadêmica, bem como ingressantes na vida universitária, o que demonstra um perfil heterogêneo, atrelado a uma pluralidade de saberes e práticas.

O componente curricular intitulado “Educação a Distância para Educação Musical”, por sua vez, é ofertado no quinto semestre deste curso e possui como principal objetivo proporcionar embasamentos histórico, teórico e prático para que os estudantes reflitam criticamente acerca dos usos e das funções da Educação a Distância na – e para a – Educação Musical. Diante deste escopo, surgem os seguintes questionamentos: quais seriam, no âmbito deste componente curricular, as abordagens mais adequadas para relacionar Educação a Distância e Educação Musical? Como associar estas grandes áreas sem reiterar visões pessimistas sobre o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) e/ou dar margem a abordagens deliberadamente otimistas e acríticas na utilização das mesmas (OLIVEIRA, 2016, p.253-256)? Como organizar os conteúdos destas duas grandes áreas levando em conta o perfil dos estudantes e os objetivos de um curso de licenciatura plena em Música Popular Brasileira? E ainda, em uma era tida por muitos como “pós-pandêmica”

² Disponível em: <https://www2.ufrb.edu.br/ead/cursos-de-graduacao-ead/19-paginas-do-site/448-licenciatura-em-musica-popular-brasileira> (último acesso, 15/07/2023).

(MATTAR et al., 2022), como incorporar as vivências e experiências virtuais/musicais que foram tão significativas para os estudantes durante os momentos de distanciamento social?

Uma possibilidade para contemplar tais inquietações foi organizar o componente curricular de acordo com as noções de aprendizado formal/informal, tal qual proposto pela educadora musical inglesa Lucy Green. Nas palavras da autora, “paralelamente à educação formal, existem em todas as sociedades, outros métodos de transmissão e aquisição de competências e conhecimentos musicais” (GREEN, 2000, p.65). A estes processos que se dão fora das instituições de ensino e que não necessitam de currículos pré-programados nem de sistemas de avaliação e certificação, a autora dá o nome de “práticas de aprendizagem musical informal”. Green formula este conceito ao observar a prática de músicos populares ingleses, profissionais ou semiprofissionais, que participam de bandas de música *pop*. Ao olhar para as maneiras como esses sujeitos aprendem música, Green observa que diversos valores são mobilizados nas práticas informais de ensino-aprendizagem. Este seria o caso, por exemplo, do “desenvolvimento da cooperação, a tolerância, a responsabilidade, a autoestima, a alegria, o amor, a paixão pela música e o apreço que [os músicos populares] demonstram por uma grande variedade de estilos musicais” (*ibid*, p.78). Assim, a música é feita com base na colaboração entre pares, buscando a realização artística por meio da performance musical³.

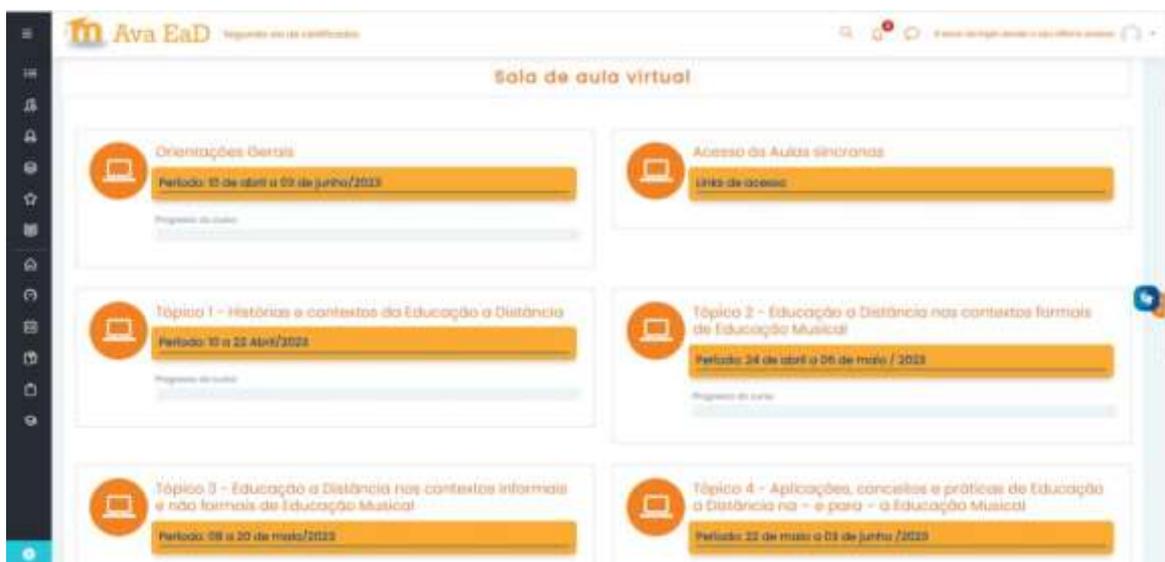
Ao estruturar o componente curricular de acordo com os princípios norteadores desta proposta teórica, foram priorizados três grandes temas, a saber: 1-) contexto histórico e social da EaD; 2-) Educação a Distância nos contextos formais de Educação Musical; e 3-) a Educação a Distância nos contextos informais e não formais de Educação Musical. Cada um destes conteúdos foi trabalhado por meio de fóruns de discussão quinzenais específicos que serão abordados nos tópicos seguintes. As ferramentas utilizadas para construção/sistematização destes conteúdos estiveram presentes ao longo da disciplina no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA)⁴. Neste ambiente, os recursos utilizados foram os

³ Outros autores também discutem modelos e práticas educacionais para além dos âmbitos formais. Este seria o caso, por exemplo, de Libâneo (2006 apud OLIVEIRA, 2021, p.2-3) ao afirmar que a educação não formal delimita iniciativas estruturadas, mas ocorre em locais alternativos, como movimentos sociais e meios de comunicação de massa. O autor divide o aprendizado em “intencional” e “não intencional” e inclui o aprendizado formal e o não formal na educação intencional. Apesar da pertinência destas discussões, por hora, a leitura de Lucy Green nos parece suficiente para fundamentar o argumento aqui exposto.

⁴ Vale informar ainda que a UFRB utiliza o Moodle como principal AVA. Mais informações em <https://moodle.com/pt-br/> (último acesso em 08/07/2023).

fóruns de discussão, no formato pergunta e resposta, e uma *wiki*, um tipo de ferramenta que permite a criação e edição de textos coletivos. A Figura 01 demonstra a organização geral do AVA bem como a organização do componente curricular em função das noções de ensino formal/informal.

Figura 01: tela inicial do Ambiente Virtual de Aprendizagem da disciplina



Fonte: os autores

Diante do exposto, o presente trabalho é um relato da minha experiência enquanto professor do ensino superior em diálogo e colaboração com os discentes Alana Oliveira Magalhães, Eliene dos Santos Bergens e Mateus Nascimento Barbosa, que participaram ativamente da oferta desta disciplina e que prontamente se dispuseram a acompanhar e auxiliar o processo de escrita deste texto⁵. Deste modo, apresentamos, por meio de uma pluralidade de vozes e perspectivas, algumas das principais discussões que foram produzidas no âmbito do componente curricular; com isso demonstramos resultados dos processos de prática e de reflexão acerca dos tópicos propostos – não é por acaso que a estrutura deste texto segue a nomeação dos três grandes temas abordados na disciplina. Logo, argumentamos, com base nas propostas teóricas de Green, que organizar, pensar, discutir e

⁵ Os discentes Alana Oliveira Magalhães, Eliene dos Santos Bergens e Mateus Nascimento Barbosa são respectivamente dos polos de Ilhéus, Ipiá e Capim Grosso.

articular diferentes modelos de educação musical é uma abordagem coerente para tratar temas relacionados à Educação a Distância. Enfatizamos ainda que, no âmbito do curso Licenciatura Plena em Música Popular Brasileira, esta proposta se mostrou adequada para contemplar os objetivos institucionais e acadêmicos da UFRB.

EaD: história e contexto

O primeiro tópico do componente curricular “Educação a Distância para Educação Musical” teve o título de “Histórias e contextos da Educação a Distância” e esteve disponível no AVA entre os dias 10 a 22 de abril de 2023. Durante este período, buscou-se desenvolver embasamento teórico e histórico da Educação a Distância, bem como pensar as principais transformações que ocorreram ao longo do tempo, além de traçar relações com as áreas de música e de tecnologia. Neste momento, foi solicitado que os alunos assistissem vídeos que tratam da ambientação em Educação a Distância (EaD) e dos conceitos de *M-Learning vs E-learning*, além de leituras dos textos “Ensaio sobre a Educação a Distância no Brasil” (BELLONI, 2022) e “As interfaces da EAD na educação brasileira” (LITTO, 2014).

Em relação ao histórico da área em si, a abordagem de Moore e Kearsley (2007, p. 26), parece sintetizar muitas das discussões que foram feitas ao longo da disciplina. De acordo com estes autores, houve 5 gerações com características distintas referentes à utilização da modalidade EaD: a primeira geração surge como marco desta modalidade, quando em 1728, nos Estados Unidos, Caleb Philips ofereceu cursos de taquigrafia via correspondência, destinado a pessoas de todo território nacional; na segunda geração, que compreende as décadas de 1910 até 1940, a EaD se deu por meio de ensino por rádio e televisão; já a terceira geração foi caracterizada pela invenção das universidades abertas em diversas instituições; a quarta geração destacou-se pela interação em tempo real enfatizando videoconferências a partir do avanço das tecnologias como o uso do computador e a internet; por fim a quinta geração envolve a utilização do computador, celular, tablet e/ou qualquer aparelho capaz de se conectar à internet, independente do lugar e da hora.

De volta ao âmbito da disciplina aqui observada, a avaliação deste conteúdo de cunho histórico se deu por meio de uma produção textual individual, momento no qual os estudantes articularam o pensamento dos autores citados anteriormente, teceram considerações a

respeito destas leituras, e dialogaram com outras referências. Ao longo desta atividade os discentes enfatizaram o fato de que inicialmente a EaD era feita por correspondência, de modo que o aluno recebia um material para estudos, elaborava as atividades e as remetia de volta para as devidas avaliações. Tal situação é típica de um modelo assíncrono de aprendizagem, no qual o contato dos estudantes com o professor era bastante limitado. No entanto, com o avanço de novas tecnologias, a EaD oscilou entre diferentes formatos (teleconferência, videoconferência, webconferências, plataforma de ensino/aprendizagem, entre outros) e assim o contato e as relações entre os envolvidos nos processos de ensino aprendizagem foram se tornando mais frequentes.

Durante este exercício avaliativo, também foi muito comentada a questão da integração e da aproximação das pessoas proporcionadas pela EaD, bem como a disponibilização do ensino superior para um maior público, tornando-o acessível aos locais remotos e a diferentes perfis. Em relação a esta discussão, a discente Alana, apoiada nas ideias de Litto (2013), destacou que a EaD promove a democratização do saber e garante a educação como direito universal. Ela observou que a EaD proporcionou que cursos de licenciatura em música chegassem a lugares antes inatingidos, possibilitando que diversos profissionais que já atuavam como educadores musicais consolidassem a sua prática pedagógica, ampliando os conhecimentos, adquirindo certificação e se habilitando para ensinar música em escolas de nível básico. Notadamente, este é o caso de diversos discentes da licenciatura plena em Música Popular Brasileira da UFRB. Diante desta perspectiva, a estudante destacou, ainda



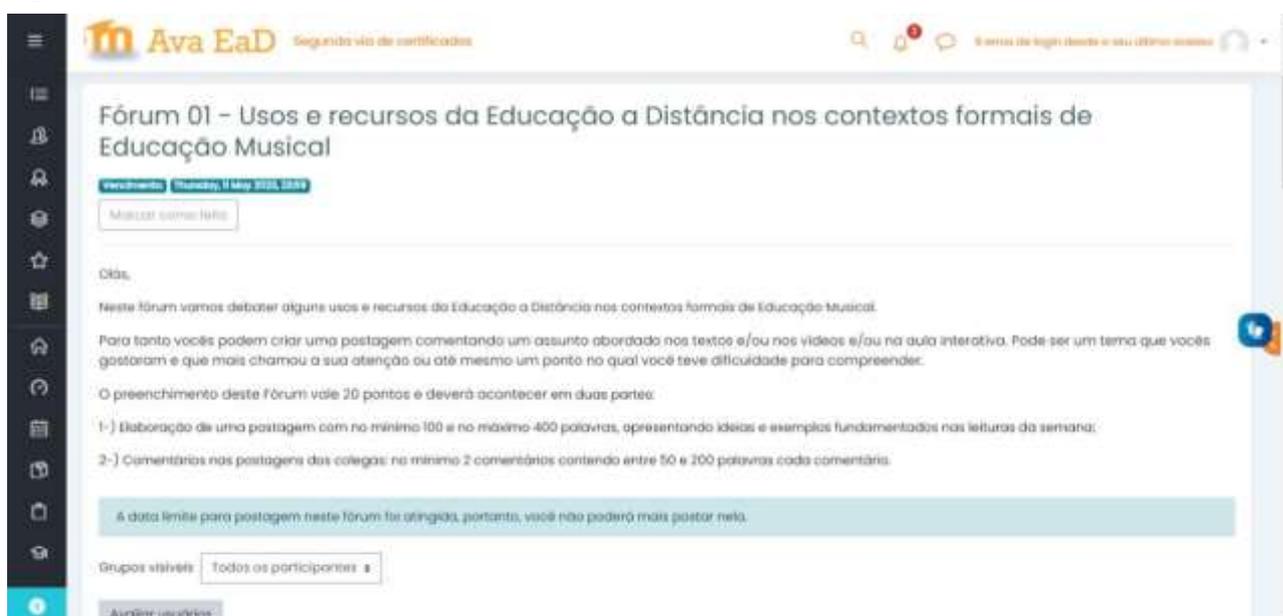
corroborando com Litto (2013), que a educação à distância também promove interação, afetividade e companheirismo, características que ela observa frequentemente em sua turma.

Já o estudante Mateus, por sua vez, observou as mobilidades dos discentes na EaD. Assim, destacou que uma das principais características da Educação a Distância é a flexibilidade de horários, pois os alunos podem assistir às aulas quando e onde desejarem, desde que tenham um aparelho com acesso à internet. O conteúdo programático é transmitido aos alunos por meio de plataformas virtuais, que podem ser acessadas por computadores, tablets ou smartphones. Assim, em diálogo com Moore e Kearsley (2007), nota-se que o espaço e o tempo na EaD são distintos das temporalidades e espacialidades do mundo presencial.

Educação a Distância nos contextos formais de Educação Musical

Após tratar o contexto histórico e os principais conceitos da EaD, teve início o segundo tópico do componente curricular, que perdurou de 24 de abril a 06 de maio de 2023 e teve o título de “Educação a Distância nos contextos formais de Educação Musical”. Durante este tópico, os estudantes tiveram acesso a um vídeo sobre os desafios e as possibilidades da Educação Musical na cultura digital e foram disponibilizados os seguintes textos: “EAD e o estudo da música” (GOHN, 2009), “Virtual flauta doce: projetos de extensão integrados com atividades não presenciais” (CARVALHO, AGUILAR, CASTELO, 2020); “Chrome Music Lab como ferramenta de apoio ao ensino de música na educação básica” (BORNHOLDT, ULRICH, 2022); e “O uso de aplicativos baseados em navegadores de internet na educação musical: 4 possibilidades de baixo custo” (LUNA, 2022). A avaliação deste tópico se deu por meio de um Fórum, conforme demonstrado na Figura 02.

Figura 02: Fórum avaliativo 01.



Fonte: os autores

No contexto destas discussões, os estudantes que assinam a co-autoria deste texto fizeram importantes contribuições. Eliene, por exemplo, notou que a educação musical formal tem um currículo que precisa ser seguido, no qual as aulas são planejadas com professores formados e remunerados. Outra característica é que, nas práticas de educação formal, as avaliações seguem algumas regras e critérios avaliativos propostos pelos professores. Daniel Gohn (2009), por sua vez, observa que “a intenção de educar pode partir de um professor ou do próprio aluno, quando este direciona a sua atenção e realiza reflexões sobre variados tipos de conhecimento musical” (GOHN, 2009, p.29). Assim, o currículo deve ser elaborado de forma a valorizar a realidade e vivência dos aprendizes, para que esses possam ter maior autonomia em suas produções.

Já a discente Alana destacou que, no âmbito da educação formal, a aprendizagem de música a distância pode ocorrer em projetos de extensão universitária, direcionados a pessoas de dentro e fora da comunidade acadêmica. Este seria o caso, por exemplo, das propostas apresentadas por Carvalho, Aguiar e Castelo (2020) em diferentes universidades brasileiras. Durante a pandemia de Covid-19, cada um dos autores propôs um projeto de prática musical de flauta doce que mobilizou distintas ferramentas e possibilidades de prática musical – fossem elas síncronas ou assíncronas. Com efeito, o que os autores buscavam era uma forma

de promover a sensação de “estar junto virtual” (*ibid*, p.340).

A modalidade EaD também pode acontecer nas escolas de educação básica, por meio de sites, aplicativos e *softwares* que promovem experimentação, ludicidade, criatividade, diversão e desenvolvimento musical. Este é o caso do estudo apresentado por Luna (2022), no qual o autor ressalta a importância do planejamento didático integrado, do uso associado entre os aplicativos e da alternância de repertório na apreciação musical; além de conhecimento dos alunos e uso de material relacionado com suas histórias de vida, para que os resultados transcendam a sala de aula, sejam prazerosos e significativos.

Ainda no contexto da educação básica, convém observar o uso do *Chrome Music Lab*⁶ como forma de promover a educação musical a distância. Neste sentido, Ulrich e Bornholdt (2022) propõem uma revisão bibliográfica acerca da utilização desta ferramenta e destacam que os educadores devem ampliar seus conceitos, criar contextos adequados e se apropriar de ferramentas digitais. No caso específico do *Chrome Music Lab*, os autores ressaltam que esta ferramenta proporciona diversão, criatividade, prática, aprendizado de teoria musical além de promover a interdisciplinaridade.

Em suma, o que estes estudos sugerem é que, no âmbito do ensino formal, os educadores podem ampliar suas práticas, criar contextos e utilizar ferramentas digitais de apoio didático, visando a promoção da criatividade, da ludicidade, da experimentação e da interdisciplinaridade. Mesmo que estes conteúdos não substituam o ensino de música presencial, há de se notar que os modelos de educação formal possibilitam diálogo e interfaces com a EaD.

Educação a Distância nos contextos informais e não formais de Educação Musical

O conteúdo destinado aos contextos informais e não formais de Educação Musical se deu entre os dias 08 a 20 de maio/2023. Neste período os discentes tiveram contato com o texto “Poderão os professores aprender com os músicos populares?” (GREEN, 2000), no qual Lucy Green propõe reflexões sobre o aprendizado fora dos ambientes formais de ensino. Ao

⁶ Trata-se de um site que reúne diferentes aplicativos, jogos e softwares musicais. Para mais informações, acessar: <https://musiclab.chromeexperiments.com/> (último acesso em 08/07/2023).

observar o processo de formação musical informal dos músicos populares, a autora nota que uma das características desta formação é a aprendizagem por imitação, ou seja, de ouvido. Aeste fator soma-se o predomínio da prática em conjunto desde o início da aprendizagem e o aprendizado com os pares, não necessariamente com professores. Green aborda ainda a aprendizagem tardia da técnica musical, no sentido de que os músicos se aproximam da técnica como uma forma de aprimoramento de seus saberes práticos.

Assim como no tópico anterior, a avaliação deste conteúdo se deu por meio da interação dos discentes em um fórum de perguntas e respostas, no qual foram construídas reflexões sobre as aproximações e aplicabilidades da proposta de Green para a EaD. A discente Alana, por exemplo, observou que distintas ferramentas tecnológicas vêm possibilitando o ensino e a aprendizagem de música à distância nos contextos não formais e informais de educação musical. Este seria o caso, por exemplo, das “revistinhas de música”, que continham letras e cifras de músicas populares. Tal recurso foi um meio bastante difundido para aprender a tocar um instrumento musical de forma autodidata, sem a necessidade da presença física de um educador musical. Os aparelhos de som também foram aliados daqueles que desejavam desenvolver habilidades musicais de maneira informal, pois viabilizavam o “tocar de ouvido”, além de permitir o aprimoramento da percepção auditiva. Já os televisores possibilitaram aprender pela imitação visual do estilo e técnica de cada músico cuja performance era assistida.

Vale notar ainda que, no decorrer dos anos, diversos aplicativos e softwares que apresentam conteúdos musicais, como exercícios práticos de percepção, composição, improvisação e notação musical, revolucionaram a educação à distância nos contextos informais e não formais de educação musical. Tais recursos foram amplamente utilizados por pessoas interessadas em aprender ou aprimorar seus conhecimentos musicais, sozinhas, em pares ou com a mediação de músicos experientes ou de educadores musicais, distantes fisicamente, mas conectados através de *sites* ou bate-papos *online*. As interações possibilitadas pelas mídias permitiram, portanto, o compartilhamento de outros programas que potencializam a aprendizagem musical, a partilha das experiências e conhecimentos adquiridos no uso dos mesmos, a troca de informações, saberes e vivências musicais.

Com o desenvolvimento da internet e das mídias digitais, cursos livres de música à



distância também ganharam espaço nas redes sociais pela possibilidade de atingir públicos de interesses e lugares diversos. Músicos populares e educadores musicais, que desenvolveram um modo de fazer e compartilhar música ou uma abordagem pessoal de ensino musical, organizaram suas técnicas e procedimentos e os disponibilizaram em pequenos *workshops*, oficinas, minicursos ou aulas avulsas à distância. Vale notar que estas situações de aprendizados podem acontecer de forma assíncrona (através de videoaula ou *podcasts* pré-gravados) ou síncrona (em tempo real) em plataformas especializadas, tornando possível o aprendizado de pessoas de diferentes contextos interessadas por assuntos musicais variados, sejam elas iniciantes ou não.

Deste modo, ao colocar em evidência nas mídias os diversos modos de produzir, fazer e ensinar música, a educação musical informal na modalidade EaD proporciona aos educandos novas reflexões e outros olhares em seus processos criativos, contribuindo para uma formação musical diversificada e decolonial. A distância entre o aprendizado plural e o aluno diminui quando não há sobreposição de um saber em relação a outro. É preciso pensar sempre em estratégias para minimizar essa distância, valorizar os diversos gêneros, estilos, técnicas e procedimentos musicais, para, de forma inclusiva, se adaptar à realidade individual de cada aluno.

Ainda em relação à contribuição de Alana, esta estudante também observou que os princípios e as práticas do ensino e aprendizagem informal e não formal de música podem potencializar a educação musical formal. Para tanto, ela notou a experiência dos colegas do próprio curso, que em grande parte são músicos populares que adquiriram conhecimentos musicais em práticas de aprendizagem informal. Estes músicos implementaram abordagens não formais em suas práticas de musicalização e aprenderam sobre os métodos de educação musical formal na licenciatura plena em Música Popular Brasileira da UFRB. Assim, a experiência destes músicos/estudantes, aliada às reflexões proporcionadas na academia acerca da educação musical formal, não formal e informal, tem muito a contribuir para que se tornem educadores musicais mais completos, agreguem práticas, atitudes e valores da educação informal às metodologias não formais e formais de ensino de música e possuam as ferramentas adequadas para ampliar o engajamento e aprendizagem de seus alunos e contribuir para o desenvolvimento de sua musicalidade.

Já Eliene notou que existe uma gama de aplicativos disponíveis com várias funções e possibilidades diferentes, que são úteis e que facilitam a vida dos seus usuários. Em diálogo, com Gohn (2013), a discente notou que os aplicativos digitais utilizados para ouvir música atualmente contam com recursos de armazenamento que suportam uma grande quantidade de músicas e que, no caso dos serviços de *streaming*, este armazenamento é praticamente ilimitado. Diante disso, as pessoas não conseguem filtrar o que realmente importa e acabam um pouco perdidas em suas escolhas, de forma que, nem sempre, conseguem apreciar todos os arquivos baixados.

Por fim, Mateus notou que, ao combinar o uso de vídeos, áudio, *chats*, conferências e outras ferramentas digitais, os alunos podem ter acesso a informações e recursos que não estão disponíveis em salas de aula tradicionais. Os professores podem criar ambientes de aprendizagem que facilitam a interação entre os alunos, o que pode ajudar a estimular o interesse em aprender e desenvolver habilidades musicais. Por meio de plataformas online, os músicos e artistas podem compartilhar seus trabalhos com um público maior, aumentando a visibilidade de suas obras e permitindo que mais pessoas possam acessá-las. Além disso, a EAD também pode ser usada para desenvolver programas musicais destinados a crianças, jovens, adultos, pessoas idosas, com deficiências e diferentes demandas, oferecendo assim novas oportunidades para todos.

Conclusão

A EaD tem uma história rica e interessante, com uma evolução significativa ao longo do tempo. Desde suas origens no ensino por correspondência até os avanços tecnológicos e a pandemia, esta modalidade de ensino tem se adaptado às necessidades da sociedade. Ao utilizar esta modalidade educacional para o ensino de música popular brasileira, a UFRB busca contribuir para a formação de educadores musicais críticos e reflexivos, capazes de construir conhecimento e promover o ensino de música de forma musical e humana. No caso específico do componente curricular “Educação a Distância para Educação Musical”, foi possível estruturar os conteúdos abordados de acordo com as propostas teóricas de Lucy Green (2000), acerca da valorização do ensino em ambientes informais e não formais. Conceituamos então a educação formal como uma forma estruturada e tradicional de aprendizagem, que

ocorre em instituições educacionais reconhecidas, como escolas, faculdades, universidades e outros estabelecimentos de ensino. Já a educação informal se mostrou próxima à realidade dos estudantes – uma vez que são citados casos de músicos populares baianos que fazem um diálogo entre suas práticas musicais e a academia.

Neste sentido, por meio das leituras e discussões, foi possível articular diferentes formas de ensino aprendizagem musical à distância. Dos projetos de extensão descritos por Carvalho, Aguilár e Castelo (2020) às “revistinhas de música” e serviços de *streaming*, tal qual abordado pelos discentes. Com isso, valorizamos os saberes e práticas que circundam as diferentes realidades e demonstramos como a EAD cumpre um importante papel na disseminação de conteúdos musicais para um público mais amplo. Por fim, foi possível observar que os educandos tiveram um aprendizado colaborativo e autônomo, sendo capazes de opinar, criticar e realizar intervenções com respeito e bom senso. A isto, soma-se ainda uma leitura crítica das realidades que os rodeiam, contemplando assim não apenas os parâmetros avaliativos do componente curricular, mas atingindo os objetivos definidos pela própria UFRB.

Referências

BELLONI, Maria Luiza. Ensaio sobre a Educação a Distância no Brasil. *Educação & Sociedade*, ano XXIII, n. 78, abril, 2002.

CARVALHO, Isamara Alvez; AGUILAR, Patrícia; CASTELO, David. Virtual Flauta Doce: projetos de extensão integrados com atividades não presenciais, *Revista Música*, São Paulo, v. 20, n.2, p. 337-350, 20 dez. 2020.

GOHN, Daniel Marcondes. Educação musical a distância: propostas para ensino e aprendizagem de percussão. 2009. 190 p. *Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação)*, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

GOHN, Daniel Marcondes. A internet em desenvolvimento: vivências digitais e interações síncronas no ensino a distância de instrumentos musicais. *Revista da ABEM*, Londrina, v. 21, n. 30, p.25-34, jan./jun. 2013.

GREEN, Lucy. Poderão os professores aprender com os músicos populares? *Journal Music, Psychology and Education*, n. 2, p. 65–79, 2000.

LITTO, Fredric. As interfaces da EAD na Educação Brasileira. *REVISTA USP*, São Paulo, n. 100, p. 57-66, dez./jan./fev., 2013.

LUNA, Rodrigo. O uso de aplicativos baseados em navegadores de internet na educação musical: 4 possibilidades de baixo custo. *Música na Educação Básica*, v. 11, n. 13/14, 2022. p. 22-35.

MATTAR, João *et al.* Educação a Distância Pós-Pandemia: uma visão do futuro. [s.l.] *Artesanato Educacional*, 2022.

OLIVEIRA, Paulo Cristiano de. Teoria substantiva dos fatores que influenciam a utilização do AVA na gestão da educação a distância em uma Universidade Pública. *Tese*. 398 f. Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina. 2016.

ULRICH, E. L. B.; BORNHOLDT, J. H. Chrome Music Lab como ferramenta de apoio ao ensino de música na educação básica. *Caderno Intersaberes*, Curitiba, v. 11, n. 31, p. 202-217, 10 mar. 2022.